

# enquanto não lembro

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação  
“Gestos de Escrita como prática de risco”  
apresentado à Faculdade Facon – Polo Casa Tombada

Gabriela Romeu

São Paulo

2022

**Título:** enquanto não lembro

**Autora:** Gabriela Romeu

**TCC:** Pós-graduação “Gestos de escrita como prática de risco”

**Resumo:** breve inventário de uma vida a partir de rastros de memórias, estilhaços, copos quebrados. Uma escrita entre a lembrança e a ausência, a necessidade de esquecer o que não se consegue sequer escrever. O trabalho está dividido em três partes: 1) elucidário de Maria, que reúne em versos e fragmentos o rastreio de uma poética, a busca por lembrar; 2) a língua do longe, em que alguns dos fragmentos da primeira parte são reorganizados numa narrativa curta e na urgência por esquecer uma certa manhã; uma reescrita na tentativa de encontrar seu fluxo e sua voz; 3) na falta de prefácios, texto sobre o antes do processo da escrita e também o seu durante, um percurso. Tudo muito breve, porque muito doído. Enquanto.

**Palavras-chave:** inventário, memória, rastros, vestígios, escrever, processo.

*Para Aparecida Terra Cordeiro,  
Maria por escolha e convicção*

## Sumário

elucidário de Maria  
a língua do longe  
na falta de prefácios  
mais rastros e vestígios

## elucidário de Maria

“De repente, tudo ganha um sentido em relação ao que se escreve, é de enlouquecer”  
“aquela espécie de imenso território da nossa solidão.”  
(Marguerite Duras)

“Houve um tempo  
em que a velha me buscava  
e eu menina, com os olhos  
que ela me emprestava,  
via por inteiro o coração da vida”  
(Conceição Evaristo)

“A vida oblíqua? Bem sei que há um desencontro leve entre as coisas, elas quase se chocam, há desencontro  
entre os seres que se perdem uns aos outros entre palavras que quase não dizem mais nada”  
(Clarice Lispector)

“Eu estou num asilo de velho  
Num hospital de tudo que é doença  
Num hospício, lugar de maluco louco doido”  
(Stella do Patrocínio)

Elucidário

(sm)

O que explica coisas obscuras

Esclarecimento

Um comentário

Do latim elucidarium

Feminino: elucidária

+

Sempre pulo uma página  
em todo início de caderno.

Como se sempre à espera

de um princípio  
algum prefácio

- ou o precipício.

+

Procuro:

um começo

o retrato 3X4 de minha tia

seu cheiro de bala de hortelã

um escapulário que não herdei

o mar guardado dentro de um colchão d'água

lembranças copos estilhaços

e a escrita

na métrica dos vulcões

+

Escrever a partir de vultos  
é se inventar numa língua remota  
falada entre os dentes

+

Entre as recolhas nos cadernos,  
as leituras atrasadas,  
o retrato de Marguerite Duras  
(impassível na pilha de livros)  
o noticiário da guerra,  
missivas e misoginias,  
reúno vestígios de  
minha tia,  
como se as coisas,  
o tacho de cobre, a toalha de flores bordadas,  
a hora da Ave-Maria  
o Gardenal, o copo de água benta ao lado do radinho de pilha,  
em meio às sobras e lembranças  
das janelas da casa da infância, todas cerradas,  
fossem feitas de poeira e redenção.

+

Tia,  
poesia é  
“quando as palavras enlouquecem”  
e minhas palavras  
sofrem de uma coisa tão comportada,  
um peixe adestrado num aquário.

Busco  
sua palavra porosa  
água de poça  
conjugada a raios e trovões  
assombrados das tardes  
sem que houvesse tempo  
de cobrir todos os espelhos da casa  
estilhaçando velhas profecias.

+

Enquanto escrevo  
meus cabelos  
caem  
e nada  
mais  
faz tanta falta.

Os fios perdidos pelo chão da casa são os vestígios do que já nem somos mais.



+

### Acumulações

das coisas inaudíveis  
restam  
a camisola esgarçada de tanta noite e abismo  
um sempre adeus  
as mãos lavando incessantemente as partes  
Deus não perdoa  
sacolas carregando coisas e punhados de terra molhada  
um jeito de não esquecer  
as cartelas vazias de Gardenal  
sua mais completa coleção  
as convulsões galopando tardes e cavalos selvagens  
corpo entregue ao Espírito Santo  
o aviso: não olhe fixo no espelho em dias de temporal  
seu epitáfio

dos poucos  
guardados  
fez a própria  
escritura da vida

todo o resto já tinha dito a Bíblia

+

guardamos  
um lugar  
onde jogamos  
o que não se pode mais  
suportar

a edícula sem janela  
um cofre  
o depósito, o quintal dos fundos  
o papel

+

escrever  
é atravessar o dia à procura de uma palavra  
uma só  
que assombre a língua  
seus escombros  
na parte mais morna

então eu rastejo a língua nos livros  
deixando rastros nos sublinhados  
nos grifos de Herta, seus murmúrios  
Quem sabe: tenho de comer o que escrevo; o que não escrevo... me devora

a palavra me espreita por entre as sobras do almoço  
ou descansa na borra da xícara de café  
a regra é engolir sílabas tônicas  
a-uma-só-vez  
sem mastigar  
feito lava congelada

cuspo o que resta de mim

+

Escrevo  
para encontrar os últimos terrenos baldios.

Escrevo  
um relicário que reúne coisas que não guardei.

Escrevo  
o que me turva ao domar o lápis.

Escrevo  
por não fumar, pouco beber.

Escrevo  
como quem grafa epitáfios no papel.

Escrevo  
pois só me restou palavra.

Escrevo  
escavando um altar nos dias, no tempo.

Escrevo  
enquanto não lembro.

+

A imagem mais antiga  
é a de um corredor de samambaias,  
úmido e escuro,  
apropriado para essa espécie tão arcaica.  
entre as mais velhas do mundo,  
apesar de sensíveis ao vento e a palavras de ordem.  
As folhas das samambaias se enroscavam nos nossos cabelos  
e lembravam que aquela área era restrita aos sussurros dos adultos.  
Não é na infância que se aprende a sussurrar.  
No fim do corredor, ficava o quarto de minha avó,  
sempre imóvel naquela penumbra,  
seu reino vegetal.

+

A noite era imensa  
rodeava o corpo da menina,  
sua tia de camisola alva a ver balançar os peitos caídos,  
entre os poucos pecados cultivados desde a infância,  
a queimadura funda escorrendo do pescoço,  
como um grito disparado.

A noite era imensa  
naquele canto da cama onde a menina se encolhia,  
entre a tia o cheiro de talco, sua quentura.  
As janelas cerradas em todas as frestas  
eram a promessa de que nada as assombraria.

A noite era imensa  
movida a escuros, habitada de demônios  
o firmamento debaixo da cama  
e memórias que só me resta inventar.

+

### Polaróide

Sinto ainda hoje um gosto de mar  
na foto da Caravan azul de meu pai:  
eu e meus irmãos na janela  
descendo a serra, a caminho do litoral

+

### Terreno baldio

Quando menina,  
carregava nos bolsos furados  
punhados de terra  
apanhados no terreno  
no fim da rua  
um jeito de carregar comigo  
uma certa sensação de chão.

Baldio, do alto da ladeira,  
amansando o íngreme,  
ele sabia tudo de nós.

Naquele descampado,  
entre os impérios das formigas  
e os entulhos da vizinhança  
dispostos como fortes e fortalezas,  
a infância era sempre épica.

+

Das coisas primeiras

O coxo nasceu ao saltar da boca de um sapo.  
O primórdio da noite tem nome de lusco-fusco.  
O canto do galo faz o parto da aurora.  
O apaixonamento da patativa estreia a primavera.  
A língua dos nascimentos é da matéria dos preás.  
Perder dá largada ao procurar.  
O começo do assado é o gosto do cru.  
Os rios principiam em águas nascentes.  
A infância é o princípio da gente.

A criança acorda o espanto das coisas com os olhos da primeira vez.

+

Leio Adélia para me lembrar  
das minhas tias  
e da total ausência  
da coleção de porcelana  
e das cristaleiras e licoreiras  
nos corredores solitários da casa de minha avó.  
O arroz, feijão, macarrão e acém picadinho de domingo  
eram disputados na colher e nos pratos fundos, Duralex.  
Os rasos sobravam para quem chegava tarde e os de rara fome.

Leio Adélia para me lembrar  
da Rádio Aparecida conclamando fiéis,  
de cigarras “de olhos perdoáveis”,  
terços marianos e quitandas,  
“um bule azul com um descascado no bico”  
e a angústia de ouvir “Rogai por nós pecadores”  
às 6 da tarde, nos domingos, no velório de minha tia.

Leio Adélia para me lembrar  
menina, de como aprendia a rezar, encolhida no canto da cama,  
entre os desvãos de minha tia.  
A tia delirava ainda mais nas noites de verão em que não sobrava uma  
só fresta na janela,  
todas eram preenchidas por panos  
velhos, carregados em sacolas de lona.

Leio Adélia para me lembrar  
o quanto minha tia delirava de latim  
enquanto bordava, incansavelmente,  
e, em cadernos de folhas amassadas,  
conjugava seu nome em forma de lista.  
Tal como Adélia,  
queria apanhar a palavra, o nome  
o delírio tal qual  
“um peixe vivo com a mão”.

+

Quando a avó morreu,  
deixou no quarto escuro  
o cheiro de cândida  
da incansável limpeza das tias  
e o colchão d'água.

Toda vez que abria  
a porta do quarto da vó  
era como se rompessem  
a um só golpe  
as comportas do mar.

+

#### Prontuário

Aparecida Terra Cordeiro, por ela denominada Maria, tal qual as irmãs, nasceu em 21 de fevereiro de 1927, na cidade de Barro Preto, Minas Gerais. Analfabeta, solteira e devota de Santa Filomena, também Maria. Conta em seus registros que aos doze anos de idade foi tomada por uma solitária, uma lombriga que de tempos em tempos escalava suas ribanceiras, goela acima. Ela se alvoroça mais em noites de verão. Sem profissão, sem antecedentes criminais, sem dote nem pretendentes. Uma vida de poucas notas, a não ser pela obsessão por cerrar as janelas da casa, a incansável espera do pai e o cultivo de vermelhos. Dócil, não recusa rezas e remédios. Sofre por não conseguir esquecer, nem por um instante, apesar das convulsões e epilepsia.

Epilepsia: afecção manifesta por crises de lapsos de memória ou consciência.

+



Desvio

Maria era um corpo em curvas.  
Se fosse uma reta, não saberia voltar pra casa.

A boca  
sempre umedecida a  
batom vermelho e  
água-benta.

A seus cabelos pretos  
pertenciam grampos.

As mãos preferiam pentes a escovas  
por temer certa imprecisão do gesto.

Dos bolsos lhe escapavam  
coisas perdidas pela casa.

A vida era por certo distraída.

+

Navegava  
barcos de papel  
em copos d'água  
benta  
e na pia batismal  
da sacristia  
inventava  
seu oceano primordial

+

Escuta,  
tia,  
é o tempo.

Espera,  
fia,  
já virou punhal.

+

Cultivava um silêncio oblíquo da madrugada na cidade.  
Uma certa comunhão entre carros e paralelepípedos.

+

Escreveu seus dias  
nos cadernos de listas  
nas rezas sussurradas  
nas horas santas  
enquanto escorava a solidão  
no travesseiro da cama  
ao lado de um rádio  
nunca calado

+

## Pretéritos

Não possuía relógio de bolso  
marca-passo de tempos pretéritos.  
O passado era  
um pote de doce em conserva  
o suor exalando o pai no colarinho do terno  
e a revelação de uma nódoa  
no vestido, lado esquerdo do peito,  
o anúncio da hora do café

+

## Café

Sua obsessão  
era servir café  
a qualquer hora do dia  
talvez na crença de que,  
enquanto a água fervia,  
meu avô entrasse,  
já na porta anunciando a chegada  
com seu cheiro de curtume,  
pousasse o chapéu sobre a mesa  
à espera da primeira  
xícara.

+

## Confessionário

Lembrava da  
castidade  
quando lhe doíam  
os joelhos  
nos incômodos  
da sacristia.

Rezar Salve-Maria  
cinco vezes seguidas  
era seu maior  
gozo.  
Água-benta depois  
aliviava as juntas e  
os ardores.

+

## Efabulário

O Homem do Saco estava sempre nos espreitando. Meu corpo de menina temia sua chegada, sabia pelos relatos da tia que um dia ele chegaria. Então os portões trancados, as janelas cerradas, as portas adjetivadas de ferrolhos e fechaduras, até nos faltar ar. Minha tia temia que o Homem do Saco chegasse bem na hora da Ave-Maria, interrompendo o terço, a pausa para passar o café, o espasmo repentino, sua solidão. Assim como a imensa solitária que habitava minha tia, a chegada do Homem do Saco compunha as tardes de nosso efabulário familiar. Nossas tardes eram de espera.

+

Aquela manhã

Era uma manhã absoluta  
como quase todas as outras  
o sinal da cruz procurando o corpo

Acordou e deu passos incertos  
sobre o coração, certa  
coreografia cotidiana dos objetos

Rumou até a chaleira  
a torneira e seu aviso de uma noite  
o cheiro de café à espreita

O vestido de um vermelho  
quase inofensivo  
era prenúncio de tudo

Ainda que as coisas no lugar  
de sempre, o retrato de Santa Filomena  
ao lado do pote de açúcar

Na beirada da pia, o copo d'água  
em estado de vertigem  
reivindicava seu dia de ruína

Então a chaleira apitou, a xícara já sabia  
o açucareiro olhou todos com desdém  
Nossa Senhora em seu manto de um azul suspeito

O branco do azulejo da cozinha  
era sempre um aviso de Deus  
sem tempo de dizer: Rogai por nós, pecadoras

Foi quando eles chegaram  
mais uma vez eles chegaram  
a tia dizia repetidas vezes

Trajavam uniformes de pretensa calma  
nas mãos traziam antídotos contra  
mulheres obcecadas por vermelhos

Da janela, os vizinhos sabiam  
mais de nós do que suportavam  
nossos álbuns familiares

Enquanto não lembro  
caminho sobre os ruídos  
ao redor daquela manhã

À noite, manicômio era palavra que não  
escapava entre as colheradas do jantar  
nosso jeito de aprender sobre silêncios

+

Prognóstico

É mais prudente  
escrever sobre ladeiras íngremes  
Anéis de Vênus  
e mortos no retrato da sala  
com a precisão de  
lupas e lunetas

Do que  
olhar aquela manhã  
e tudo o que nela repousa  
seus invisíveis  
com a indiscrição dos  
verbetes do dicionário

+

Numa caixa de sapatos velha  
acumulava coisas de poucos préstimos  
boletos, panos velhos e bulas de remédio  
sua nada-valia  
em meio a  
certidão de nascimento  
o endereço da casa  
o retrato do pai  
o espelho retrovisor de uma motocicleta  
e um batom vermelho.

As caixas são recipientes de guardar  
muitas esperas  
e o que ainda arde.

Abra-as bem devagar.

+

Maria

Encomendou as almas das irmãs e parentes.  
Capinou nos cemitérios os canteiros.  
Gravou placas com nomes e datas de nascimento e morte,  
sem saber o que escrever nos epitáfios.  
Fez a exumação de todos os corpos  
e recolheu de todos os mortos os ossos.  
Guardou-os em caixas de sapato  
lacradas a fita crepe  
revestidas de veludo vermelho.  
Morreu sem dar testemunhos dos nossos restos mortais.

+

Os dias e as mariposas

Vó, aqui morrem todos os dias mariposas.  
Morrem em silêncio num oco bater de asas.  
Agonizam sem que em mim nada aconteça, nenhum rangido.  
Eu as recolho na pá de ferro, daquelas de sons arranhados na garganta.  
Abatidas, elas se misturam ao pó da casa, aos cacos dos copos quebrados.  
Tenho anotado num caderninho um inventário de fugas.  
Algumas fingem fugir, vó.  
Então me lembro do seu quarto em penumbra, no fim do corredor,  
aquele barulho de mar rondando o colchão de água  
e os olhos exaustos de tanta planície branca escorrendo do teto.

+



Como esquecer aquela manhã

Abra uma gaveta  
pegue uma caneta  
reúna os objetos  
escolha as palavras mais agudas

Apague do desenho de 7 ou 8 anos  
o azul do céu da manhã  
abafe todos os gritos  
eles cabem numa caixa de sapatos

Os estilhaços, espelhos e copos  
quebrados: leve numa bolsa à tiracolo  
sem aviso de vida cortante  
cuidado, frágil

Quando ressoar o som da ambulância  
e chegarem os homens de um verde improvável  
desligue todas as luzes da casa  
ignore o toque insistente da campainha

Talvez eles desistam de seu propósito  
desta vez, só desta vez  
enquanto Maria volte, como todo dia  
a passar o café no acordar da manhã

+

O poeta é um escavador de silêncios.

[não me ensinaram a flexionar no feminino]

+

### Inconfessável

Tia,  
não te visitei no hospital  
na beirada da cama dos seus últimos dias.  
Ouvi que sua língua escapava da boca  
indomável  
e foi amarrada.  
Sua língua morreu solitária.  
Justo você, que cantava tão bonito na hora da Ave-Maria.

+

### Jogo das sete-marias

Maria costurava  
com linha vermelha  
retalhos brancos  
“alvinhos”  
para saciar com grãos de arroz,  
sobras recolhidas na toalha do jantar,  
a fome das irmãs,  
todas Marias.

+

Inventário de vermelhos

Pintava a unha de esmalte  
Incendiário,  
rubro número 19

O vermelho lascado  
de arear panelas  
carecia de constante retoque

As unhas encarnadas  
nas mãos em estado de reza  
reluziam eletrochoques

+

O coração é um bombeador de vermelhos  
a percorrer paisagens,  
as mais arcaicas de nós.

## a língua do longe

“Rezo pela poesia da oração.”  
(Maura Lopes Cançado)

“Morrer é nada, quando passa.”  
(Maria Esther Maciel)

“Do lado esquerdo carrego meus mortos.  
Por isso caminho um pouco de banda.”  
(Carlos Drummond de Andrade)

“Os doentes mentais são como beija-flores:  
nunca pousam, ficam a dois metros do chão.”  
(Bispo do Rosário)

Escrever a partir de lembranças  
é como inventar uma língua distante,  
falada baixinho, entre os dentes.

Algo como desvendar  
a fala de outros planetas,  
o canto das baleias  
e todo um alfabeto  
no piscar dos vagalumes.

Só palavras não bastam  
para lembrar ou falar  
esse idioma do longe,  
feito de coisas e sobras,  
uns rangidos, vazios  
também esquecimentos  
e um tanto de saudade.

Com o tempo, aprendi que  
a saudade é a terra da memória.

Um lugar com cheiro  
de café coado bem cedinho,  
com um barulho de mar  
guardado dentro de um colchão d'água  
e os ruídos e ecos de uma manhã  
ao redor de Maria em seu vestido coral.

Maria é minha tia.

Minha tia,  
se pudesse escolher  
um lugar para morar,  
escolheria um  
país de vermelhos.

Ela morava na casa de minha avó.  
Quase sempre. Às vezes, partia.

Uma vez desenhei Maria  
como um corpo em curvas.  
Se fosse uma reta,  
não saberia voltar para casa.  
A boca sempre umedecida a  
batom e água-benta.  
A seus cabelos pretos  
pertenciam grampos.  
As mãos preferiam pentes a escovas  
por temer certa imprecisão do gesto.  
Dos bolsos lhe escapavam  
o burburinho do papel de balas de hortelã  
e miudezas recolhidas pela casa.

A vida era por certo distraída.

Minha tia tinha suas manias.  
Uma delas era servir café  
a qualquer hora do dia  
talvez na crença de que,  
enquanto a água fervia,  
meu avô entrasse,  
já na porta anunciando a chegada

com seu cheiro de curtume.  
Ele então pousaria o chapéu sobre a mesa,  
seria servido da primeira xícara.

Na casa de minha vó, um bule e uma xícara sem asa  
nos vigiavam da prateleira mais alta do armário.

Da janela da cozinha, a gente avistava um longo corredor de samambaias.  
Um corredor úmido e escuro, apropriado para essa espécie tão arcaica,  
entre as mais velhas do mundo, apesar de sensíveis ao vento e a palavras de ordem.

As folhas das samambaias se enroscavam nos nossos cabelos  
e lembravam que aquela área era restrita aos cochichos dos adultos.

No fim do corredor, ficava o quarto da avó,  
sempre calada em seu reino de penumbra.

Quando minha avó morreu,  
deixou a tia só na casa.  
No seu quarto escuro,  
restaram o cheiro de cândida  
da incansável limpeza  
e um colchão d'água.

Toda vez que eu abria  
a porta do quarto da vó  
era como se rompessem  
a um só golpe  
as comportas do mar.

O mar sempre nos visitava de noite.  
Noites imensas, movidas a escuros,  
naquele canto da cama onde eu me encolhia,  
entre a tia e seu cheiro de talco.  
O firmamento debaixo da cama.

As janelas cerradas em todas as frestas  
eram a promessa de que nada nos assombraria.

De dia, eu tinha poucos medos  
e carregava nos bolsos furados  
punhados de terra apanhados  
no terreno do fim da rua.  
Um jeito de carregar comigo  
uma sensação de chão.

Aquele terreno baldio,  
do alto da ladeira,  
sabia de tudo.

Naquele descampado,  
entre os impérios das formigas  
e os entulhos da vizinhança,  
empilhados como fortes e fortalezas,  
inventava um campo de batalhas.

Foi com Maria que aprendi a carregar no bolso punhados de terra ou abismos.  
A terra molhada, ainda cheirando a chuva, ela carregava em sacolas de lona.

É que Maria às vezes partia,  
e eu nunca sabia para onde.



Quando ela voltava,  
seus olhos permaneciam longe.

Ao falarem de minha tia,  
sussurravam o tempo todo.  
As palavras soavam  
copos quebrados.

Minha tia nem ouvia  
enquanto navegava  
barcos de papel  
em copos d'água-benta  
nos dias em que me pedia para cobrir  
todos os espelhos da casa,  
ao mínimo aviso de raio ou trovão.

Eram muitos os jeitos de dizer da tia:  
não se cansava de esperar o pai,  
delirava em latim às seis da tarde,  
sofria muito por não saber esquecer.

Já a vó dizia que uma imensa solitária habitava os interiores da tia.  
A serpente acordava enquanto ela galopava seus cavalos selvagens.

Na caixa de sapatos abandonada,  
acumulava coisas de poucos préstimos,  
contas a pagar, panos velhos e bulas de remédio,  
em meio a certidão de nascimento,  
o endereço da casa,  
o retrato do pai,

o espelho retrovisor de uma motocicleta,  
e um batom vermelho.  
Nunca faltava o batom vermelho.

Nas tardes, a tia avisava que o Homem do Saco andava solto pelas redondezas.  
Eu e os primos temíamos sua chegada, a gente sabia pelos relatos da tia que um dia ele nos surpreenderia.  
Por isso os portões trancados, as janelas cerradas, as portas cheias de ferrolhos e fechaduras, nenhuma brecha, até nos faltar o ar.  
Minha tia suspeitava que o Homem do Saco pudesse chegar bem na hora da Ave-Maria, interrompendo o terço, a pausa para passar o café e sua solidão no sofá da sala.  
A chegada do Homem do Saco compunha as tardes de nosso efabulário familiar.

A espera das tardes,  
as noites imensas.  
Aquele manhã.

Uma manhã absoluta,  
como quase todas as outras,  
com o sinal da cruz protegendo o corpo.

Maria acordou e deu passos incertos sobre o coração,  
numa coreografia cotidiana, entre os objetos da casa.

Rumou até a chaleira,  
a torneira e seu aviso de uma noite inteira a pingar.

O vestido de corais  
quase inofensivos  
era o prenúncio de tudo.  
Ainda que as coisas todas

estivessem no lugar de sempre,  
o retrato da Sagrada Família  
ao lado do pote de sal.

Quando a chaleira apitou,  
a xícara já desconfiava de todos  
no armário da cozinha.  
Nossa Senhora em seu manto  
de um azul ainda mais suspeito.  
O espelho ao lado do fogão dizia:  
não me olhe fixamente no cantar do temporal.

Na beirada da pia, o copo d'água  
reivindicou seu dia de cair.

Foi quando eles chegaram.  
Mais uma vez eles chegaram.  
A tia dizia repetidas vezes.

O som da ambulância freou na frente.  
Eles desceram trajando seus uniformes  
de um verde improvável.

Da janela, os vizinhos sabiam  
mais de nós do que suspeitavam  
nossos álbuns familiares.

Mais uma vez Maria partia.

À noite, algumas perguntas queriam  
escapar entre as colheradas do jantar.  
Por que levaram a tia? Para onde foi Maria?

As palavras não saíam, como se aquela manhã,  
a ausência da tia, o copo quebrado  
e os homens de verde cheirando a éter  
fossem nosso jeito de aprender sobre silêncios.

Enquanto não lembro  
caminho sobre os ruídos  
ao redor daquela manhã  
e sua língua distante.

Abro uma gaveta,  
pego uma caneta,  
reúno alguns objetos,  
escolho palavras agudas.

Pinto de vermelho o  
céu nublado da manhã.  
Recolho todos os gritos,  
eles cabem numa caixa de sapatos.

O copo quebrado,  
guardo em uma bolsa  
com a advertência:  
cuidado ao abrir, vida frágil.

Ao ressoar o som da ambulância  
e chegarem os homens de verde,  
desligarei todas as luzes da casa,  
ignorando o toque da campainha.

Talvez eles desistam de seu propósito  
desta vez, só desta vez.  
Talvez eu tenha tempo de ver Maria voltar  
para passar o café no acordar da manhã.

## na falta de prefácios

“A literatura é meu pacto silencioso com o vazio do mundo.”

“Ao longo de toda a minha vida, esquecer foi meu refúgio.”

(Diana Klinger)

“Escreva-te: é preciso que teu corpo se faça ouvir.”

“Que ela escape da armadilha do silêncio.”

(Hélène Cixous)

Cresci rodeada de mulheres  
minha mãe  
Helena  
minhas tias  
Imaculada, Clara, Bela  
Dete, Cida, Margarida.  
Quase todas Marias,  
exceto Aparecida,  
que se batizou  
a seu modo  
Maria.  
Elas contavam  
as histórias de minha vó  
Gabriela Terra  
em seu coma  
por dez anos.  
Dela não me lembro a voz.

Sigo rodeada de mulheres  
Clarice, Maura, Herta  
Adélia, Lúcia, Marguerite  
Angela, Conceição, Llansol.  
Mulheres e suas palavras  
suas escritas, sua poesia.  
Todas nós somos  
*um mar de palavras não ditas.*  
(Rebeca Solnit)

Escrita, palavra feminina.  
Escritura, palavra que se inscreve.  
Posso me dizer por suas escritas:  
*Que dizer dos fantasmas que me povoavam as noites? E os demônios? Contavam coisas: mulas sem cabeça, lobisomen, um caminhão que se aproximava da fazenda á noite, e nunca chegando.*

(Maura Lopes Cançado)

A memória é esse caminhão na noite  
nunca chegando, sempre ao longe.  
Era preciso rascunhar seu chão.  
Escavar o chão da escrita.

E não exatamente o passado:

*Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.*

(Walter Benjamin)

A escrita é algo que nos ronda  
tal qual o passado.

Ou melhor, o passado não.

O passado  
ser sempre

tão patriarcal,  
um relógio de vidro de meu vô  
demandando um outro tempo,  
celebrando seus feitos  
heroicos.

Já a escrita

feminina

nem sempre heroína

uma camisola branca esgarçada  
e se esgarçando

uma nódoa no peito

revelando um pouco de nós

numa língua outra,

a da memória,

que

*se constrói entre esses dois polos: o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e o da conservação pela escrita, inscrição que talvez perdure por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência.*  
(Jeanne Marie Gagnebin)

As histórias de minhas tias  
de minha tia  
compunham meu efabulário familiar  
soavam como disparate.  
O falatório da avó:  
a tia,  
aquela das noites imensas  
e das tardes de espera,  
era assombrada por uma imensa serpente.  
Uma solitária rastejava os escombros da tia.  
Rastejava loucura,  
*feita de sopros, gemidos e balbucios, feita de estilhaços de letras e de palavras, feita de puro som.*  
(Lúcia Castello Branco)

Eu, menina  
sempre imaginava  
a serpente  
de minha tia  
a dar o bote  
depois da reza ou do Gardenal de todo dia.

Nem sempre temos nomes, palavras  
para todas as coisas que vivemos.  
*De quanto mais palavra pudermos nos servir, mais livres seremos.*  
(Herta Muller)

Aquele anedotário,  
histórias sem encaixes,  
tinha um nome  
só bem depois descobri:



violência familiar  
a definir padrões de normalidade.  
*Sorôco, sua mãe, sua filha.*  
(Guimarães Rosa)  
A loucura,  
esse entre-lugar,  
ameaça e zombaria.  
Nada fácil escrever isso  
ainda hoje.

Era preciso saber as palavras  
Para de algum jeito dizer.  
Lúcia Castello Branco  
em suas aulas com sabor de vertigem nos disse:  
escolham suas palavras,  
carregue-as no bolso,  
como se chaves de portais.

Uma busca pelos biografemas,  
*vidas esburacadas.*  
(Roland Barthes)  
Palavras biografêneas  
(Sandra Lessa)

O percurso foi de  
vestígios  
e sobras  
*todos nós temos os nossos restos à mão*  
(Maria Gabriela Llansol)

Segui rastros  
sua fragilidade essencial  
a fragilidade da memória também  
e assim a fragilidade da escrita.

Um trabalho de sucateira  
à lá Benjamin  
decifrar os rastros e recolher os restos  
ou o trapeiro-poeta de Baudelaire  
*o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de desaparecer definitivamente.*  
(Jeanne Marie Gagnebin)

Já não tinha mais  
o falatório  
de minha tia,  
aquela fala incessante  
radinho de pilha.  
Hoje ouço sua voz  
no falatório  
poesia  
de quem buscou nos escritos  
uma forma de se manter viva.  
*Nasci louca*  
*Meus pais queriam que eu fosse louca*  
*Os normais tinham inveja de mim*  
*Que era louca*  
(Stella do Patrocínio)

Maura Lopes Cançado  
me dá um léxico  
assombrado  
de “mulheres vestidas de doida”  
“rostos pálidos”  
nos limites de um  
“denso existir”.

Esta escrita  
foi um pedido de permissão,

por vezes parando, voltando.  
Muitas coisas são esquecidas por precisão.  
Nada fácil lidar com o que anotamos nas nossas beiradas.  
Com aquilo que é urgente reinventar.  
Escolhi não lembrar de tudo.  
Preferi inventariar,  
coleções, listas, relicários.

*Enquanto não lembro*  
foi um jeito de suspender o tempo  
criar um intervalo  
cavar o verso  
(ainda que me falte talento para o melhor corte).  
Tal como uma cartógrafa,  
*dar língua para afetos que pedem passagem.*  
(Suely Rolnik)

Uma cartografia afeitiva para  
minha tia  
a tia  
Maria.  
Vários jeitos de nomear,  
algumas tentativas de aproximação  
formas de ludibriar a própria desmemória  
nos arredores da mulher em seu vestido coral.  
Nomear Maria me permitiu inventariar a vida  
figura tão distraída.  
Nunca a chamei assim,  
Maria.  
Enfim confesso:  
essa escritura  
a cavar silêncios  
é para você tia  
Tia Cida.

mais rastros e vestígios

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fazendeiros do ar**. In: Nova reunião: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, WALTER. **Obras escolhidas II - Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANCO, Lucia Castello (org.). **Coisa de louco**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1988.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus - Diário I**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário - A poética do delírio**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

GAGNENEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

KLINGER, Diana. **Literatura e ética - Da forma para a força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Finita: diário 2**. Lisboa: Rolim, 1987.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem - Coleções, inventários e enciclopédias ficcionais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **O livro de Zenóbia.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

MÜLLER, Herta. **Sempre a mesma neve e sempre o mesmo tio.** São Paulo: Globo, 2012.

PATROCÍNIO, Stella do. MOSÉ, Viviane (org.). **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

ROLNIK, Prado. **Cartografia sentimental - Transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SOLNIT, Rebeca. **A mãe de todas as perguntas - Reflexões sobre os novos feminismos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.